



## SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

### Para uma introdução ao problema da pós-modernidade

*For an introduction to the problem of post-modernity*

*Para una introducción al problema de la posmodernidad*

**Renan da Silva Souza<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-4478-2433](https://orcid.org/0000-0002-4478-2433)  
[renan\\_souza@hotmail.com](mailto:renan_souza@hotmail.com)

**Recebido em:** 17 jun. 2022.

**Aprovado em:** 15 set. 2023.

**Publicado em:** 18 dez 2023.

**Resumo:** O que é a pós-modernidade? O que se deve entender com essa noção que pretende falar sobre nosso tempo? Visando adentrar em um campo de discussão já bastante desenvolvido, o presente artigo busca, através de uma revisão bibliográfica de obras consagradas ao tema, introduzir um caminho possível que leve de maneira panorâmica a diferentes posições teóricas dessa polêmica noção presente em diferentes campos das humanidades, mas que aqui receberá o enfoque principal do campo da teoria social no âmbito da sociologia. Veremos que, embora muitas das características apresentadas sejam compartilhadas pelos autores, há casos de nitida diferenciação na maneira de abordá-las ou, de maneira mais distinta, há características que são visivelmente contrárias àquelas aceitas por outras. De categoria estética à categoria de época, pós-modernidade e pós-modernismo pleiteiam relevância em um cenário de mudança social nas sociedades industriais contemporâneas.

**Palavras-chave:** Pós-modernidade. Mudança social. Contemporaneidade.

**Abstract:** What is postmodernity? What should be understood with this notion that intends to talk about our time? Aiming to enter into a field of discussion that is already quite developed, this article seeks, through a bibliographical review of works devoted to the subject, to introduce a possible path that leads in a panoramic way to different theoretical positions of this controversial notion present in different fields of the humanities, but which here will receive the main focus of the field of social theory within the scope of sociology. We will see that although many of the characteristics presented are shared by the authors, there are cases of clear differentiation in the way of approaching them or, more distinctly, there are characteristics that are visibly contrary to those accepted by others. From the aesthetic category to the epochal category, postmodernity and postmodernism claim relevance in a scenario of social change in contemporary industrial societies.

**Keywords:** Postmodernity, Social change, Contemporaneity.

**Resumen:** ¿Qué es la posmodernidad? ¿Qué debe entenderse con esta noción que pretende hablar de nuestro tiempo? Con el objetivo de adentrarse en un campo de discusión ya bastante desarrollado, este artículo busca, a través de una revisión bibliográfica de trabajos dedicados al tema, introducir un posible camino que conduzca de manera panorámica a diferentes posicionamientos teóricos de esta controvertida noción presente en diferentes campos de las humanidades, pero que aquí recibirá el enfoque principal del campo de la teoría social dentro del ámbito de la sociología. Veremos que si bien muchas de las características presentadas son compartidas por los autores, hay casos de clara diferenciación en la forma de abordarlas o, más claramente, hay características visiblemente contrarias a las aceptadas por otros. De la categoría estética a la categoría epocal, la posmodernidad y el posmodernismo reclaman relevancia en un escenario de cambio social en las sociedades industriales contemporáneas.

**Palabras clave:** Posmodernidad. Cambio social. Tiempo contemporáneo.



### Introdução

Se houve um tempo em que tudo pôde ser taxado pelo termo “novo”,

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil

"Novo Nacionalismo", "Nova Liberdade", "Nova Poesia", "Nova República" (Bell 1978, 62), poderíamos dizer que agora estamos na ambiência "pós". A confiarmos na listagem feita por Leslie Fiedler em *Os novos mutantes*,<sup>2</sup> teríamos de estender a lista de "pós-industrial", "pós-modernidade" e "pós-colonial" até "pós-freudiano", "pós-humanista", "pós-protestante", "pós-branco", "pós-macho" etc. (Kumar 2007, 146).

A compreensão desses termos parece ser proporcionalmente inversa a sua multiplicação e popularização. Embora o termo pós-modernidade já tenha se tornado banal, quem realmente sabe o que ele quer dizer? Nas universidades, o pós-moderno ou é rechaçado como sinônimo de "antimarxismo" ou é entendido como sinônimo de "pós-estruturalista", ou ainda se pensa em Bauman e na "sociedade líquida", "amor líquido" e eis aí o que se quer dizer quando se fala de "pós-moderno": um momento de "fluidez". Há ainda o bordão de que "pós-modernidade" é simplesmente uma farsa intelectual, um conceito vazio de significado ou "de correspondência na realidade", se é que se pode falar nesses termos quando o assunto é "pós-moderno". Se no conceito de moderno há implícita a noção do "novo" ou a de "presente", há uma evidente dificuldade na tentativa de designar algo como posterior, tendo em mente que esse "algo posterior" transformaria o moderno em um "passado relativo" (Anderson 1999, 20). A situação se torna ainda mais complicada devido ao fato de que, embora os autores acerca da modernidade tenham descrito diferentemente o moderno acentuando este ou aquele aspecto, no caso da pós-modernidade/pós-modernismo há inúmeras definições e perspectivas, o que exige uma verificação da definição dada por cada autor sobre o tema.

É verdade que muitas características da paisagem pós-moderna irão se repetir nos escritos dos mais diferentes autores, mas a maneira como trabalham tais características, a abordagem maior na qual as inserem, bem como a maneira de interpretá-las pode sofrer diferenças significativas. Torna-se então necessário compreender o

pós-moderno na esteira das teorias que tentam pensar o mundo contemporâneo como um tempo em dores de parto: algo está mudando com as sociedades industriais clássicas. Temos então a teoria da "sociedade pós-industrial" (D. Bell), a do "pós-fordismo", levada a cabo por alguns marxistas ávidos de reatualização de sua abordagem e, também, as de "modernização reflexiva" ou "radicalizada" (Beck/Giddens), "sociedade em rede" (Castells), "capitalismo tardio" (Jameson), "modernidade líquida" (Bauman), "hipermodernidade" (Lipovetsky). A lista certamente poderia ser ampliada, mas o que é importante aqui é compreender que os teóricos da pós-modernidade não estão sozinhos nas alegações de haver uma mudança fundamental nas sociedades industriais contemporâneas (ao menos ocidentais). Quer rejeitem o sintagma "pós-moderno" ou não (e a mudança de nome proposta por Daniel Bell posteriormente de "pós-industrial" para "sociedade da informação" pode ser significativa da tentativa de se afastar de um sintagma mal recepcionado, assim como Lipovetsky falava de "pós-modernidade" para posteriormente falar em "hipermodernidade"), todos eles concordam com essa alegação, ainda que falem igualmente de continuidades. É importante também ter em mente que todas elas, apropriando-se a seu modo das teorias clássicas acerca do moderno, elaborarão revisões criativas acerca da modernidade. Em outras palavras, trata-se tanto de interpretações do mundo contemporâneo quanto de uma releitura do modelo que buscam se contrastar.

Por outro lado, é verdade que não há um consenso acerca do que se quer dizer com "pós-modernidade". Kumar (2007) salienta a ambiguidade do "pós": pode significar realmente um novo estado de coisas que emerge "após" a modernidade ou simplesmente significar um *post de post-mortem*, isto é, a cerimônia fúnebre realizada sobre o corpo morto da modernidade. Neste último sentido, o "pós" diria menos respeito a um novo estado de coisas do que a um momento de reflexão sobre a experiência do moderno. Parece que é nesse segundo sentido

<sup>2</sup> No original, *The new mutants* (1965). Não obtivemos acesso direto à fonte, o que nos obriga a depender dos comentários fornecidos por Krishan Kumar e Perry Anderson.

que o próprio Bauman considerará o problema (Kumar 2007, 105, 106, 177). Mas há realmente uma distinção nisso? É possível deter-se em um "estado de morte"? Se o moderno morreu, não há a necessidade de que algo "vivo" esteja aí? Como quer que seja, dada a complexidade e a pluralidade das teorias acerca do "pós-modernismo" ou simplesmente "pós-moderno" ou, em suma, acerca das transformações operadas nas nossas sociedades, iremos aqui nos contentar em elaborar uma rápida visão panorâmica.

### Origens e desenvolvimentos

Seguindo de perto a genealogia do termo "pós-modernismo" estabelecida por Perry Anderson (1999), encontraremos sua origem na periferia – e não no centro – dos sistemas culturais dominantes. Assim, em 1930, Federico de Onís teria cunhado o termo pós-modernismo no mundo hispânico para designar um "refluxo conservador dentro do próprio modernismo", em uma clara utilização do termo em um contexto estético. Somente vinte anos depois haverá um deslizamento da esfera estética para a de "categoria de época", com o oitavo volume de *Study of History* de Arnold Toynbee em 1954 e os escritos de Charles Olson nos Estados Unidos em 1952. Olson falava do "presente vivo em andamento" como "pós-moderno, pós-humanista, pós-histórico". Já Toynbee falava de um período, "a era pós-moderna", como uma clara ruptura com a "era moderna" clássica, que teria durado da Renascença até o final do século XIX. Enquanto a era que declinava tinha se caracterizado pela crença no progresso e na razão, a era que agora emergia estava se caracterizando por crenças e sentimentos de irracionalidade, indeterminação e anarquia (Anderson 1999, 9-13; Kumar 2007, 145).

Desde então, o termo passou pelas mãos de muitos, variando em sinal "positivo" ou "negativo", "entusiasta" ou "crítico", "integrado" ou "apocalíptico": Wright Mills e sua crítica de uma "sociedade pós-moderna de impulso cego e conformidade vazia", Harry Levin e sua crítica das "formas" pós-modernas como produto de uma convergência entre cultura e comércio, artista e

burguês, ou ainda Leslie Fiedler e sua defesa dos "novos mutantes" e "excluídos da história", cujos valores alternativos encontravam acolhida na literatura pós-moderna, sem esquecer também de Etzioni e sua defesa do "pós-moderno" como período marcado por um declínio do poder burguês e elitista e a emergência de uma sociedade democrática "senhora de si mesma" (Anderson 1999, 18-20).

Daí em diante os nomes se multiplicam e as fronteiras que distinguem "pós-modernidade" de "pós-modernismo" se atenuam: David Antin, Ihab Hassan, Robert Venturi, Charles Jencks, Irving Howe, Clement Greenberg, pop art, pop music, "nouvelle vague", "nouveau roman" etc. Múltiplas foram as abordagens do pós-modernismo que o trabalharam como uma ruptura em relação ao modernismo. Sendo impossível tudo abordar aqui, ressaltaremos as características mais gerais que aparecem nesses autores: ênfase na superabundância de opções, pluralismo, ecletismo, crítica do elitismo e do autoritarismo, valorização do "comum" e apagamento das barreiras entre "alta" e "baixa" cultura, diversidade de "culturas de gosto", apagamento das barreiras entre "arte" e "vida", associação do modernismo com a "Autoridade" e do pós-modernismo com a "Anarquia", "destotalização", fragmentação, realidade desmaterializada. Entretanto, fica claro desde já que é difícil perceber uma diferenciação radical com elementos já presentes no modernismo. O modernismo enquanto reação comportava atitudes contraditórias em relação ao moderno. "O caráter antinomiano, anárquico, antissistêmico do pós-modernismo parece compatível com a forma e o espírito de muito do que entendemos como modernismo", notará Kumar (2007, 147). É também nesse sentido que Matei Calinescu (1987, 143, tradução nossa) dirá que "antielitismo, antiautoritarismo, gratuidade, anarquia e, finalmente, niilismo estão claramente implícitos na doutrina dadaísta da 'antiarte pela antiarte'".

É nesse contexto que Lyotard abordará o tema do pós-modernismo de maneira a considerá-lo como uma retomada do élan revolucionário do próprio modernismo, de maneira tal que o pós-

-modernismo deve ser entendido como a recuperação do aspecto disruptivo e subversivo do modernismo depois que este último deixou-se burocratizar, ossificar, comercializar (Kumar 2007, 148). Na edição da Manchester Unity Press de *A condição pós-moderna*, há no apêndice um ensaio intitulado "What is Postmodernism?", no qual Lyotard (1984, 79, tradução nossa) chega a dizer que um trabalho pode se tornar moderno "somente se for primeiramente pós-moderno. Pós-modernismo assim entendido não é modernismo em seu fim, mas em seu estado nascente, e esse estado é constante".

Respondendo a essa provocação, alguns autores, como Jencks, chegarão a estabelecer uma diferenciação entre o que chamarão de "modernismo tardio" e o "pós-modernismo", de maneira tal que se deve entender esse último como algo diferente da "tradição do novo" que o primeiro representava. Longe de afastar os elementos tradicionais e o passado, o pós-modernismo deveria se esforçar por uma relação de continuidade com o passado, de forma que a característica de ecletismo, da mistura das tradições, se tornasse evidente. O pós-modernismo deveria recuperar o passado para "expandi-lo" e "enriquecer o presente" (Kumar 2007, 148-149).

Torna-se evidente que não podemos permanecer nessas discussões bizantinas do âmbito estético. O maior interesse é retomar a diferenciação entre "pós-modernidade" e "pós-modernismo" para enfatizar, com o primeiro, uma dimensão mais propriamente sociológica. Sim, o pós-modernismo surgiu no âmbito estético, mas ele rapidamente se espalhou para diversos domínios da sociedade, de maneira tal que se trata de abordar não apenas uma "cultura pós-moderna", mas uma "sociedade pós-moderna".

A questão poderia ser assim colocada, mas há evidentemente dificuldade nessa forma de abordar o problema. Isso porque alguns autores insistem em aplicar o termo "pós-moderno" para a cultura de uma sociedade realmente distinta, mas que deveria ser entendida mais como "pós-industrial", reservando o primeiro termo para o âmbito cultural. Mesmo Lyotard, que fala, em

*A condição pós-moderna*, de uma mudança no *status* do conhecimento no âmbito das ciências naturais, "o fim das grandes metanarrativas" ou "metarrelatos", parece atrelar intimamente a era pós-moderna à situação de emergência da tecnologia da informação comumente associada às teorias da "sociedade da informação", ou simplesmente "pós-industrial": "nossa hipótese de trabalho é a de que o saber muda de estatuto ao mesmo tempo que as sociedades entram na idade dita pós-industrial e as culturas na idade dita pós-moderna" (Lyotard 2018, 3).

De maneira semelhante procedem autores como Jameson (1991), que parecem rejeitar a noção de uma "sociedade pós-moderna", embora reconheçam a "cultura pós-moderna" como "o dominante cultural da lógica do capitalismo tardio". Em seu caso, a ênfase no capitalismo tardio e não em uma sociedade "pós-industrial" parece querer ressaltar muito mais as continuidades com o capitalismo clássico do que algum tipo de ruptura fundamental. Parece também haver nele uma tendência a fazer corresponder "o realismo na cultura" ao capitalismo de mercado, o modernismo ao capitalismo monopolista/imperialista e o pós-modernismo ao capitalismo tardio/multinacional (Kumar 2007, 175).

A questão se torna ainda mais complexa ao lembrarmos que ambos reatualizam o esquema "base" e "superestrutura", de maneira a evidenciar o quanto a cultura – superestrutura por excelência – se "dilatou", tornou-se inseparável do processo produtivo de tal modo que a dicotomia clássica é esvaziada de seu sentido: temos aí uma verdadeira "estetização da realidade". Se há uma determinação nunca vista do cultural sobre os processos gerais da sociedade, e se tal cultura é "pós-moderna", haveria ou não uma "sociedade pós-moderna"? Até que ponto a ideia de tratá-la como um simples "reflexo e o concomitante de mais uma modificação sistêmica do próprio capitalismo" é coerente com a afirmação de "um eclipse da diferença entre base e superestrutura" (Jameson 1991, XXI)? Além do mais, é importante ressaltar que fazer do modernismo a "lógica cultural" do capitalismo monopolista é bastante

problemático, bastando que nos lembremos que o modernismo, enquanto reação à modernidade circundante, por vezes uma rejeição aberta, não apresentava "a complementaridade" ou, como prefere Lash, uma "relação de compatibilidade" que tais autores enxergam entre pós-modernismo e capitalismo tardio (Kumar 2007, 151).

### Modernidade radicalizada

De igual interesse são as teorias acerca da "modernização reflexiva" ou "modernidade radicalizada". São de interesse não apenas pelas abordagens que fornecem das sociedades contemporâneas, mas igualmente pelo modo como manuseiam a tradição sociológica acerca do moderno<sup>3</sup> – tecendo considerações criativas a partir dos clássicos – e pelo modo como tensionam com as teorias acerca da pós-modernidade. Giddens (1991, 11), para quem a modernidade é "um estilo, costume de vida ou organização social" surgidos no continente europeu pelo menos desde o século XVII, elaborará sua abordagem tendo como princípios básicos as noções de descontinuidade e multidimensionalidade do moderno. Descontínuo pois a modernidade representa um tipo de ordem formalmente distinta das ordens tradicionais pré-modernas, posição essa que parece reforçar o dualismo clássico postulado pelos clássicos. As descontinuidades serão identificadas pelo maior *ritmo de mudança*, pelo *escopo da mudança* e pela *natureza intrínseca das instituições modernas*. Já a multidimensionalidade diz respeito à necessidade de considerar os diferentes aspectos da modernidade apontados pelos clássicos (industrialismo, capitalismo e racionalização) como mutuamente inclusivos no amplo conjunto do "moderno" (Giddens 1991, 11-22).

Uma vez que não se trata de abordar aqui detalhadamente os mecanismos que tornam a modernidade uma forma de ordem específica, enfatizaremos as considerações gerais que ele faz sobre a pós-modernidade. É satisfatório que encontremos logo de cara a afirmação da separa-

ção conceitual entre "pós-modernidade" e "pós-modernismo". Para Giddens, "pós-modernismo" deve ser restringido à *reflexão estética* acerca da modernidade, enquanto a "pós-modernidade" deve dizer respeito ao aspecto institucional: "se estamos nos encaminhando para uma fase de pós-modernidade, isto significa que a trajetória do desenvolvimento social está nos tirando das instituições da modernidade" (Giddens 1991, 56). Na continuação da exposição dos elementos que caracterizariam o pós-moderno, Giddens elenca a ausência de fundamentos epistemológicos, o fim da consideração teleológica da história e a emergência de novos movimentos sociais. Com exceção do último, os outros dois receberam tratamento na obra de Lyotard, e parece ser especialmente a ele que Giddens se dirige.

Sua argumentação seguirá no sentido de demonstrar que o que se aponta como novidade factual, como pós-moderno são, na verdade, as consequências do desdobramento das "sementes niilistas" da modernidade. Tendo o Iluminismo se originado de um contexto religioso, houve um deslizamento da certeza divina para a certeza empírica, de modo tal que *perspectivas providenciais* foram mantidas tanto no âmbito da história quanto no da epistemologia (Giddens 1991). Mas a dinâmica de reflexividade inerente ao moderno tornou a "esfera da razão" totalmente "desagrilhada", tendo isso como consequência o entendimento da validade do conhecimento como sendo sempre provisória, passível de legitimidade apenas "até ulterior consideração" (Giddens 1991, 59). Em síntese, as características associadas à emergência do pós-moderno, "a ruptura com as concepções providenciais da história, a dissolução da aceitação de fundamentos", devem ter como princípio explicativo aquilo que desde o início era intrínseco ao moderno.

Assim, longe de caracterizarem a emergência de uma nova forma de ordem não moderna, tais características devem ser entendidas como "resultantes da autoelucidação do pensamento moderno, conforme os remanescentes da

<sup>3</sup> Pensamos especialmente naqueles considerados "clássicos" da sociologia: Ferdinand Tönnies, Georg Simmel, Werner Sombart, Max Weber e Émile Durkheim. A lista poderia ser indefinidamente ampliada.

tradição e das perspectivas providenciais são descartados" (Giddens 1991, 61-2). Não estamos vivenciando, portanto, uma transição para fora da modernidade, mas sim sua verdadeira radicalização. Nessa mesma ordem de ideias e em outro de seus textos,<sup>4</sup> Giddens (2012, 142) dirá que "uma colaboração *entre modernidade e tradição* foi crucial às primeiras fases do desenvolvimento social moderno", e por fim que "essa fase é concluída com a emergência da alta modernidade". Remetemos ao próprio texto para apreciação das "interconexões entre o início da modernidade e a tradição" apresentadas.

A forma do argumento parece ser bastante similar àquela que outros já utilizaram antes para atenuar o sentimento de novidade das teorias atuais. Poderíamos citar o caso de James Beniger e sua obra *The Control Revolution*, na qual aborda as inovações descritas pelas teorias da "sociedade da informação" como sintomas, agora plenamente visíveis, de mudanças ocorridas previamente nos sistemas industriais: "a Sociedade da Informação não resultou de mudanças recentes" (Beniger 1986, 435, tradução nossa). Em ambos os casos, trata-se de demonstrar que a novidade pleiteada não é tão nova assim, e que seu princípio explicativo se encontra retroativamente em um passado que se quer contrastar: a "pós-modernidade" é na verdade "modernidade radicalizada", e encontra sua origem nos princípios intrínsecos desde sempre no moderno, assim como a "sociedade da informação", que se deseja contrastar com a "sociedade industrial", encontra seu princípio explicativo no próprio modelo industrial.

Também faz parte do quadro da "modernização reflexiva" a abordagem desenvolvida por Ulrich Beck como "sociedade de risco". Logo após introduzir a problemática do prefixo "pós" das abordagens que tentam lidar com uma "realidade que saiu dos trilhos", Beck apresenta a ideia de uma ruptura no próprio interior da modernidade. De resto, o próprio autor a resume:

assim como no século XIX a modernização dissolveu a esclerosada sociedade agrária estamental [...], hoje a modernização dissolve

os contornos da sociedade industrial e, na continuidade da modernidade, surge uma outra configuração social. (Beck 2011, 11-13)

O processo de modernização teria se processado primeiramente em um ambiente tradicional e, ainda, "natural", ao cabo do qual *seu* contrário (isto é, o pano de fundo pré-moderno) acaba por se consumir. Hoje, uma "modernização autorreferencial" realiza o mesmo processo, não mais sobre um pano de fundo pré-moderno, mas sobre os próprios princípios da sociedade industrial clássica. Há aqui uma clara dissociação entre *modernidade* e *sociedade industrial*, de modo tal que "a modernização *nos trilhos* da sociedade industrial é substituída por uma modernização *das premissas* da sociedade industrial" (Beck 2011, 13). A dissociação entre "o conteúdo geral da modernidade" e o "projeto industrial" levará Beck a concluir acerca da semimodernidade da sociedade industrial, aquilo que Giddens chamará de "interconexões entre o início da modernidade e a tradição" (Beck 2011, 13-15).

De maneira geral, a ideia de que "a modernização pode percorrer vários e diferentes caminhos" já estava presente na obra de Marshall Berman (2007, 151), e embora utilize a terminologia da "reflexividade", Beck parece ter outra coisa em mente ao utilizá-la. Na introdução do texto "A reinvenção da política", ele argumentará que o termo "reflexividade" não sugere exatamente "reflexão" no sentido que Giddens parece tender a pensar, mas sim uma *autoconfrontação*. Não se trata tanto de um "aumento do conhecimento e da cientificação no sentido da autorreflexão sobre a modernização" (Beck 2012, 18), mas sim de uma "autoconfrontação com os efeitos da sociedade de risco que não podem ser tratados e assimilados no sistema da sociedade industrial." Ao invés de pensar a reflexividade em termos de opções ou escolhas nas disputas políticas, devemos pensá-la como uma "continuação dos processos de modernização autônoma" (Beck 2012, 18). O segundo sentido enfatizará o caráter indesejado, despercebido e compulsivo do processo de

<sup>4</sup> "A vida em uma sociedade pós-tradicional".

transição, cujo mecanismo será designado como "não refletido e quase autônomo".

Se a transição do pré-moderno para a modernidade simples foi acompanhada primeiramente de uma desincorporação das formas sociais tradicionais seguida de uma reincorporação nas formas sociais industriais, Beck (2012, 13) dirá que "a modernização reflexiva significa primeiro a desincorporação e, segundo, a reincorporação das formas sociais industriais por outra modernidade." Seja como for, o processo de "modernização reflexiva" terá como consequência a eliminação de resquícios tradicionais que foram necessários à modernidade simples, e as categorias das formas sociais industriais serão extrapoladas. As consequências mais visíveis desse processo podem ser apontadas na tendência de dissolução das "formações de classe, camadas sociais, ocupação, papéis dos sexos, família nuclear, agricultura, setores empresariais e, é claro, também os pré-requisitos e as formas contínuas do progresso técnico-econômico" (Beck 2012, 13). Nesse sentido, mais valeria talvez falar, como ele, de "metamorfose"<sup>5</sup> do que de "crise", "transformação social" e "revoluções". A noção de "metamorfose" serve para indicar que a transição por ele delineada deve ser vista menos como uma crise do industrialismo capitalista do que como consequência direta de sua "vitória". É o próprio êxito da sociedade industrial que provoca a dissolução "dos contornos da sociedade industrial" (Beck 2012, 11-18).

As considerações que Scott Lash fornece acerca das duas abordagens são instrutivas pelo didatismo. Lash (2012) retoma a "justaposição direta e dicotômica" elaborada pelos clássicos da sociologia. É que a abordagem clássica estabelecia uma dicotomia nítida separando tradição e modernidade. Para ele, as abordagens acima referidas têm a virtude de problematizar e tornar mais complexo tal modelo clássico. Não há apenas dois estágios de mudança social, mas ao menos três: tradição, modernidade simples

e modernidade reflexiva. Ele retoma, inclusive, a terminologia proposta por Tönnies: a sociedade tradicional corresponde à *Gemeinschaft*, a modernidade simples à *Gesellschaft*, e, por fim, a modernidade reflexiva a uma *Gesellschaft* que se tornou "inteiramente reflexiva".

Mais interessante ainda é o apontamento feito de que, diferentemente do que os marxistas haviam formulado, é o processo de individualização, e não o proletariado, o verdadeiro motor do processo de transformação. Foi a individualização que primeiramente rompeu com as estruturas sociais tradicionais (grupo familiar, Igreja, comunidade da aldeia); entretanto, a individualização foi parcial, e no lugar das estruturas sociais tradicionais originou-se um conjunto de estruturas coletivas (*gesellschaftlich*): sindicatos e aparelho burocrático. O momento contemporâneo se caracteriza pelo avanço do processo de individualização, com a consequente dissolução das estruturas coletivas da modernidade simples. Há nas estruturas sociais *comunitárias* (tradicionais) e nas estruturas sociais *coletivas* (simplesmente modernas) a característica em comum de "individualização não plenamente desenvolvida", e talvez seja essa característica que fez os clássicos e contemporâneos falarem de "McDonaldização da sociedade", "produção em massa" e "homogeneização"<sup>6</sup> como características das sociedades industriais. Entretanto, a característica fundamental das estruturas coletivas é a de que resultam de um rompimento em relação às comunitárias, de modo que não existem mais *significados* compartilhados, mas apenas *interesses*. De resto, tal diferenciação já estava contida na abordagem dos clássicos, e estes últimos já entendiam noções como a de "classe" como produtos da atomização e desestruturação das estruturas comunitárias.

Como enfatizará Lash (2012, 175), "é essa individualização maior na segunda fase da modernidade que libertou os indivíduos também dessas estruturas coletivas e abstratas, tais como classe,

<sup>5</sup> A noção de "metamorfose" será empregada por ele em um livro posterior: *A metamorfose do mundo* (2016).

<sup>6</sup> Embora a expressão "McDonaldização da sociedade" tenha se popularizado pelo livro homônimo de Georg Ritzer (1996), o olhar crítico da sociologia clássica sobre problemas como autonomização e uniformização do mundo moderno esteve sempre presente em autores como Max Weber, Werner Sombart e Georg Simmel.



nação, família nuclear", e, por fim, ele prosseguirá afirmando mais adiante que só se atinge a modernidade reflexiva "com a crise da família nuclear [...]; com o declínio da influência das estruturas de classe sobre os agentes [...]; com o deslocamento da produção limitada por regras pela flexibilidade no trabalho [...]" (Lash 2012, 175). A suposição básica da modernização reflexiva será, portanto, a de que a ação é progressivamente libertada da estrutura, o que de resto Beck (2012, 13) já expôs ao dizer que "a modernização reflexiva significa primeiro a desincorporação e, segundo, a reincorporação das formas sociais industriais por outra modernidade." Essa suposição básica deverá permanecer em nossas mentes, uma vez que ela descreve, pelo menos em Lash, um processo de *reestruturação*, mas de maneira geral ela equivale no mínimo a uma espécie de *desestruturação* (Lash 2012, 172-81).

### Lipovetsky e a tese da personalização

Por outro lado, a tendência a extrair o princípio explicativo do interior da própria modernidade também já estava presente em autores como Gilles Lipovetsky. Nele, parecemos retornar a uma dissolução das fronteiras distintivas entre "pós-modernidade" e "pós-modernismo" em nome de içar "o pós-modernismo ao nível de uma hipótese global". Sim, o termo pós-modernismo deve indicar a passagem para um novo tipo de sociedade, mas também de homem e cultura, de modo que não deve ficar restrito apenas a uma categoria estética ou inversamente ignorá-la. Apoiando-se nas análises elaboradas por Daniel Bell, Lipovetsky elaborará a tese de um "processo de personalização" que, embora já presente no modernismo (ou modernidade), foi engolido pelo lado "disciplinar", "autoritário", "coercitivo" deste.

Isso equivale mais ou menos ao que Lash fala acerca do processo de individualização: pouco pronunciado na modernidade simples, ele agora se intensifica e se torna princípio de nova "modernização". Se Lipovetsky fala de pós-modernidade como "personalização", ele certamente tem em mente os elementos presentes no modernismo estético, como a valorização da personalidade,

do indivíduo do desenvolvimento de sua personalidade. Assim, com pós-modernidade devemos entender "uma sociedade generalizando uma das tendências da modernidade inicialmente minoritária" (Lipovetsky 1983, 14). As reivindicações feitas pelo modernismo de individualismo e, como analisara Bell, de hedonismo, tornaram-se agora legítimos e não encontram mais oposição. Parece haver aqui alguma ligação na forma do argumento e com a maneira pela qual Lyotard descreveu o "pós-modernismo", isto é, como uma parte do modernismo anteriormente minimizada e que agora retoma fôlego.

As consequências desse "processo de personalização" são similares àquelas apontadas pelos autores anteriormente citados, mas com acréscimo dos elementos modernistas: a transformação do poder autoritário em poder sedutor, acentuação das tendências psicologizantes (tudo é *psy!*), descentralização, busca da qualidade de vida, sensibilidade verde, desafetação em relação aos sistemas de sentido, culto da participação e da expressão, moda *retro*, reabilitação do local, do regional, e de certas crenças e práticas tradicionais. Lipovetsky chega até mesmo a falar de uma "sensibilidade inédita", e sua hipótese do narcisismo como consequência do processo de personalização e da expansão da esfera privada em todos os domínios poderia ser observada, por exemplo, na crescente valorização das questões subjetivas e em uma correspondente crispação em relação às questões políticas e ideológicas em geral (Lipovetsky 1983, 9-23, 25-48, 113-94, tradução nossa).

### Conclusão: por um esforço de compreensão plural da contemporaneidade

Como mencionamos anteriormente, embora muitas das características que apresentamos sejam compartilhadas pelos autores que abordam o tema da "pós-modernidade", há casos de nítida diferenciação na maneira de abordá-las ou, de maneira mais distinta, há características que são visivelmente contrárias àquelas aceitas por outras. Há que se destacar, nesse meio, as



abordagens alternativas da pós-modernidade que se pretendem igualmente gerais, evitando aquilo que Lipovetsky (1983, 115) chamava de "fragmentação do saber sociológico" e o "es-treitamento constante de nossas visões sobre o mundo atual". Como diz o autor, "se aparece uma pós-modernidade, esta deve designar uma tendência profunda e geral na escala do todo social... Içar o pós-modernismo à escala de uma hipótese global" que evite circunscrevê-lo a um quadro regional, estético, epistemológico ou cultural (Lipovetsky 1983, 114). Um esforço de compreensão de uma "sociedade desorientada" não pode se dar ao luxo de ignorar abordagem alguma em nome de qualquer *a priori* que seja, incluindo aquelas relegadas às posições marginais no debate acadêmico.

Se lembrarmos do apelo feito por Lyotard em prol de um afastamento do modelo "sistêmico" de ciência e de sua legitimação com base no "aperfeiçoamento do sistema", encontraremos sua descrição de uma "ciência" legitimada pela paralogia, cuja pragmática tem como ênfase o dissentimento: "na medida em que é diversifi-cante, a ciência em sua pragmática oferece o antimodelo do sistema estável" (Lyotard 2018, 116), dirá ele, e só se retém "um enunciado a partir do momento em que ele comporta a diferença com o que é sabido e quando é argumentável e provável." A prática científica deve ser vista como uma espécie de "sistema aberto", e seus enunciados são pertinentes na medida em que propiciam a gestação de ideias. O consenso é sempre provisório, e sua ossificação ameaça a imaginação dos saberes. "Isto impede a identificação com o sistema e, pensando bem, o terror" (Lyotard 2018, 112, 116). Eis aí a aplicação, no campo epistemológico, do aforismo de Zaratustra: "Deveis amar a paz como meio para novas guerras, e mais à paz breve do que à longa!" (Nietzsche 2018, 233).

Por outro lado, muito embora tracem conjuntos distintos, podemos perceber igualmente que os autores aqui considerados concordam em pontos fundamentais: os processos de transformação que testemunhamos não representam propriamente uma ruptura com o esquema da

modernidade, são antes sua consequência. Se tomarmos Giddens e Beck, teremos claro que, para esses autores, trata-se de apontar a "falsa novidade" pleiteada pelo conceito de pós-modernidade, uma vez que o princípio explicativo das mudanças hoje em processamento encontra-se na verdade no passado que se quer contrastar: "pós-modernidade" é na verdade "modernidade radicalizada", "autorreflexiva", e encontra sua origem desde sempre no moderno, assim como James Beniger (1986) chegou a argumentar que a "sociedade da informação", que se deseja diferenciar da "sociedade industrial", é explicada pelo próprio modelo industrial.

Como chegará a explicar Lash (2012), todo o processo encontra na individualização acentuada seu resumo, algo muito similar ao que vimos com Lipovetsky e sua tese de que o pós-modernismo não é senão um processo de personalização "generalizando uma das tendências da modernidade inicialmente minoritária". Como deixa claro Ulrich Beck (2011), a questão central enfrentada pelo conceito de pós-modernidade é a que diz respeito ao seu conteúdo efetivo. Em outras palavras, as abordagens que adotam o conceito ou a noção de pós-modernidade devem se esforçar sobretudo por responder à questão: enquanto conceito compreensivo de uma época, a pós-modernidade é eficaz como instrumento de reflexão? Pode trazer o aporte de algum conteúdo que contribua para pensarmos o mundo contemporâneo?

Para cumprir o esforço de compreensão de nossa época, entretanto, resta como trabalho futuro a pesquisa para incluir mais perspectivas que abordam o problema, principalmente aquelas alternativas que costumam recepcionar com bons olhos o conceito de pós-modernidade. Lembrando as características apontadas pelos autores da discussão do campo propriamente estético, a ênfase parece gravitar em características como superabundância de opções, pluralismo, ecletismo, crítica do elitismo e do autoritarismo, valorização do "comum" e apagamento das barreiras entre "alta" e "baixa" cultura, diversidade de "culturas de gosto", apagamento das barreiras

entre "arte" e "vida", associação do modernismo com a "Autoridade" e do pós-modernismo com a "Anarquia", "destotalização", sem esquecer a elaboração de Lyotard a respeito do fim dos "metarrelatos" e as características muitíssimo próximas que Lipovetsky enxerga: descentralização, busca da qualidade de vida, sensibilidade verde, desafetação em relação aos sistemas de sentido, culto da expressão, reabilitação do local, do regional, de certas crenças e práticas tradicionais, a importância conferida ao hedonismo e a desvalorização do trabalho.

Se acrescentarmos as problemáticas enfrentadas pelas sociedades globais mais recentemente, como o tema do obscurantismo, do negacionismo político e científico, das redes sociais e seu bombardeio de imagens, sem esquecer evidentemente o fenômeno das *fake news*, fica clara a importância da retomada de um tema relegado aos sorrisos de canto de boca como problema de primeira ordem para a sociologia contemporânea, ainda que seja para discordar de sua utilização como conceito, pois o que há de essencial no conceito de pós-modernidade não é a concordância com esta ou aquela proposição, mas o convite a uma reflexão "global" sobre o mundo contemporâneo. Se as questões motivadoras das análises clássicas acerca da emergência do moderno eram "quem nós somos?", "onde estamos?", "de onde viemos?" e "para onde vamos?" (Loomis e McKinney 1957, 1), é a essas questões que a sociologia retorna uma vez mais.

## Referências

- Anderson, Perry. 1999. *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Beck, Ulrich. 2011. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34.
- Beck, Ulrich. 2012. "A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva." In *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*, edited by Ulrich Beck, Anthony Giddens and Scott Lash, 11-87. São Paulo: Editora UNESP.
- Bell, Daniel. 1978. *The cultural contradictions of capitalism*. New York: Basic Books.
- Beninger, James R. 1986. *The Control Revolution. Technological and Economic Origins of the Information Society*. Cambridge, MA and London: Harvard University Press.
- Berman, Marshall. 2007. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Calinescu, Matei. 1987. *Five faces of modernity*. Durham, NC: Duke University press.
- Giddens, Anthony. 1991. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp.
- Giddens, Anthony. 2012. "A vida em uma sociedade pós-tradicional." In *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*, edited by Ulrich Beck, Anthony Giddens and Scott Lash, 89-166. São Paulo: Editora UNESP.
- Jameson, Frederic. 1991. *Postmodernism or, the cultural logic of late capitalism*. Durham: Duke University Press.
- Kumar, Krishan. 2006. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lash, Scott. 2012. "A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade." In *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*, edited by Ulrich Beck, Anthony Giddens and Scott Lash, 167-258. São Paulo: Editora UNESP.
- Loomis, Charles Price, and John C. McKinney. 2002. "Tönnies and His Relation to Sociology, Orientation of Gemeinschaft und Gesellschaft." In *Community and society: gemeinschaft und gesellschaft*, edited by Ferdinand Tönnies, 1-29. New York: Dover Publications.
- Lyotard, Jean-François. 2018. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Lyotard, Jean-François. 1984. *The postmodern Condition: A report on Knowledge*. Manchester: Manchester University Press.
- Nietzsche, Friedrich. 2018. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia de Bolso.

---

## Renan da Silva Souza

Graduado em Ciências Sociais (licenciatura) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal, RN, Brasil. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal, RN, Brasil.

---

## Endereço para correspondência

Renan da Silva Souza  
Av. Almirante Alexandrino de Alencar, 1362  
59015-350  
Natal, RN, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do autor antes da publicação.